

APRENDIZADO DO NOVO

Juliana Tokarski (Jornalismo - UNIPAR)

Imaginar que uma hora toda essa maratona de matérias semanais vai acabar... Sempre pensei em como me sentiria quando terminasse a oficina. Por mais inacreditável que seja sempre pensei, desde o primeiro dia. Algo meio estranho.

Ser uma jornalista formada e escrever diariamente para um jornal é algo bem diferente do que ser acadêmica, e a partir daí pensar, desenvolver e digitar uma matéria com cunho literário. Fazer jornalismo literário é algo bem diferente de escrever o jornalismo cotidiano, o noticiário diário do que acontece na cidade. Não que escrever sobre os fatos acontecidos não seja importante, é tão importante quanto. Mas, no jornalismo literário você está mais que presente no texto. Você demonstra o que pensa por meio da celuloose e um pouco de tinta que se transformam em papel escrito. Cada texto transcrito para o papel demonstra o quanto fazer jornalismo em tempos como hoje está difícil.

É uma busca constante pelo novo. Novo viés para os assuntos do cotidiano. E ainda se ouve dizer que jornalismo literário não é jornalismo. O jornalismo literário se diferencia por se importar com a forma do dizer. Jornalismo não se resume apenas ao lead, a responder o que, quem, quando, onde, como e porque. Jornalismo é descoberta, é como uma criança que aprende a andar: cada passo é uma surpresa. É a busca constante pelo novo. É assim que me sinto ao "terminar" a oficina, com uma aguçada vontade de aprender mais e mais. Não importa a forma de escrever, o importante é que é jornalismo.

NAS BANCAS, BEM PERTINHO DAS HQS

Leandro C. Navarro (Jornalismo - UNIVEL)

O momento da concepção textual é muito gratificante. Para muitos pode até parecer fácil ou algo informal escrever. Para mim escrever é um momento único: as palavras certas são escolhidas e cuidadosamente organizadas, assim como um relojoeiro, com muito cuidado, manuseia as engrenagens e com corda dá movimento ao relógio. Ambos imprimem um pouco de si em seus trabalhos.

Assim como na linguagem falada notam-se os sotaques, na forma escrita deixa-se transparecer marcas pessoais, estilo. A escolha das palavras a serem utilizadas, formas de contar um determinado fato com uma combinação única. Duas pessoas não escrevem o mesmo texto, não importa se o assunto é o mesmo. Cada um faz uso de seus conhecimentos na língua para criar maneiras próprias para expressar suas idéias. As diferentes formas de contar o mesmo fato, mesmo que corriqueiro, dá singularidade e importância ao texto.

A exposição de nossos textos aos olhares da cidade muito contribuiu para nossa dedicação e aprendizado nestas dezesseis edições.

Muitas coisas diferentes fizemos, sempre com a supervisão do professor Sílvio, com seu vasto conhecimento, indicação de leituras que fizeram a diferença, nos proporcionou o contato com diferentes maneiras de encarar os fatos. Óticas possíveis em diferentes angulações.

A liberdade em escrever que tivemos nos permitiu ir além da 3ª pessoa. Escrevemos em 1ª pessoa várias vezes. Porém com a consciência de que a 1ª pessoa do texto não refere-se à pessoa real, física. A 1ª pessoa do texto é a liberdade de criar um personagem sem amarras, recurso de ficção para contar fatos reais, acontecidos. Vanderleisson que o diga.

Neste honrado espaço que tenho para imprimir estas palavras, agradeço a todos pela oportunidade de escrever periodicamente e estar presente nas bancas. A todos que leram este caderno continuam lendo, por que a turma que vem por aí vai trazer muita coisa boa com certeza.

As cores e desenhos da diagramação sempre ilustraram muito bem os vários textos, sempre com muita inteligência e criatividade, o Doug é fera.

A todos ótimo fim de ano, adeus ano velho...

JÁ ESTOU COM SAUDADES

Rony Santos (Jornalismo - UNIPAR)

Quando eu comecei a cursar jornalismo meu sonho era apresentar um programa de televisão. Um programa de esportes radicais, sobre carros esportivos ou mesmo um de variedades, eu não cogitava muito trabalhar em jornal impresso.

Nunca pensei ter alguma aptidão para a escrita, por isso acho que nunca busquei muito a área do impresso, mas a oportunidade surgiu e consegui fazer uns acordos para cursar esta oficina.

Descobri algo aqui que provavelmente não descobriria na academia: paixão por escrever. Não se engane, ainda não acho que escrevo bem, mas agora eu estou mais disposto a isso, mais comprometido com isso, apesar de o nosso diagramador, passar um sufoco com os textos que são entregues encima da hora do fechamento da edição, em cima do dead line.

Meu trabalho regular não é em um jornal, o que dificulta a corrida atrás de fontes e da matéria em si. Mas é por esse motivo que fazer o Outra Pauta é tão gratificante, tão grandioso para mim.

Este pode até ser um pequeno passo para a humanidade, mas é um passo gigantesco para mim, numa paráfrase distorcida de Armstrong ao pisar na lua:

É uma grande honra escrever esse caderno com meus colegas, futuros jornalistas. E sei que a cada nova matéria da autoria desses colegas que eu ler, minhas lembranças sobre a oficina irão me transportar novamente para as cadeiras da sala de reunião de pauta.

Agradeço a todos da Gazeta por essa oportunidade e principalmente os meus grandes amigos do Gazeta Alt pelo apoio e incentivo.

Mas o objetivo era dizer um pouco sobre o que acho de fazer o caderno de jornalismo narrativo Outra Pauta. Foi instrutivo, divertido e vai ficar um gostinho de quero mais. Em uma palavra? Foi MARA!!!

ÚLTIMO ABANDONO DO EU

Ana Paula Detsch (Jornalismo -FAG)

Escrever é algo que nunca tinha me trazido problemas... eu digo tinha, porque a escrita que era exigida de mim pedia objetividade, ser sempre claro e preciso, usando vocabulário fácil. O trabalho na TV da faculdade, por mais de um ano, fez com que eu tivesse uma visão televisiva do jornalismo: Ser simples, não usar emoções, não se colocar junto ao entrevistado ou assunto e jamais ser o texto.

Para quem é acostumado com isso, se torna difícil escrever de forma completamente contrária. Agora eu tinha que ser mais compassiva, mostrar o que eu tinha de melhor. Estudar o entrevistado, cada gesto podia ser uma frase a mais para o texto. O vocabulário também mudou, agora as palavras eram mais difíceis, e nada de objetividade. No começo foi bem difícil, mas com o tempo você descobre que ser um bom jornalista não é ser bom em um veículo, mas saber conciliar as experiências, e principalmente saber separar cada texto. Abandonar uma parte de você, ou talvez abandonar um eu que possa ter existido por vários anos, ou até mesmo por apenas alguns momentos. Abandonar para vê-lo impresso nas páginas do jornal, com as folhas acinzentadas e a tinta que suja a mão, enchendo os olhos do leitor. É isso o que eu sinto cada vez que vejo meu texto impresso no Outra Pauta. E apesar de todo o aprendizado que tive durante esse meio ano de oficina, o maior ganho é ver as pessoas descobrindo que você é o autor daquele texto, o melhor pagamento é o reconhecimento.

OUTRA PAUTA, OUTRO JORNALISMO

Mirielly Ferreira (Jornalismo - UNIPAR)

Neste ano, quem optou por abrir portas, e ainda contribuir para estimular a produção de jornalismo literário, foi o caderno semanal Outra Pauta, com, é claro, o admirável apoio da Gazeta do Paraná. É desse incentivo que os cursos de jornalismo do Brasil necessitam e percebemos isso, quando recebemos elogios de universitários de outros estados e quando os mesmos dizem que também gostariam de participar do caderno.

A oficina de jornalismo não oferece apenas um espaço no jornal, oferece ensino, pois sob a orientação do professor doutor Sílvio Demétrio, nós temos aulas de jornalismo durante as reuniões de pautas. O que deveria ser apenas a discussão do que fazer para a outra semana, é uma aula de jornalismo literário e jornalismo em geral.

O que é estranho relatar aqui, é que, por incrível que pareça, aprendi a fazer um outro jornalismo, a quebrar as formas pré-estabelecidas, pouco mutáveis, que aprendemos na faculdade. Temos liberdade para expressarmos utilizando diversas formas, como, por exemplo, gêneros textuais diferentes, mas que na verdade são textos jornalísticos.

O Projeto Outra Pauta, além de fazer com que os acadêmicos coloquem a mão na massa efetivamente, ainda contribuiu para incrementar o currículo e abrir portas no mercado de trabalho.

Patch Work

"Vai por aí um suspirar pela liberdade de imprensa! Mas, de que coisa tem a imprensa de ser libertada? Certamente de uma dependência, da sujeição e do servilismo! Mas libertar-se disso é coisa que cabe a cada um, e podemos supor com segurança que, quando tu te libertares da servidão, também aquilo que escreves só pertencerá a ti próprio, em vez de ser pensado e redigido ao serviço de um qualquer poder."

MAX STIRNER EM "O EU E SUA PROPRIEDADE"

"Regras e papéis nos tornam tão intercambiáveis quanto os bens cuja produção é a nossa destruição. Não admira que, como Karl Marx observou uma vez antes de se tornar um político, a única linguagem compreensível que temos é a linguagem das nossas posses conversando entre si. Precisamos de outra. E precisamos de ocasiões sem pressa e sem pressões para um repouso sem palavras. A revolução requer uma expressão para um repouso sem palavras. A revolução requer uma expressão idiomática antiidiota que expresse o até agora indizível".

BOB BLACH EM "GROUCHO-MARXISMO".

"A corrupção da linguagem promove a corrupção da vida".

BOB BLACH EM "GROUCHO-MARXISMO".

"Inventei a cor das vogais! - A negro, E branco, I vermelho, O azul, U verde. - Regulei a forma e o movimento de cada consoante, e me vangloriei de inventar, com ritmos instintivos, um verbo poético acessível, algum dia, a todos os sentidos. Eu me reservava a sua tradução. De início foi apenas um estudo. Escrevia os silêncios, as noites; anotava o inexprimível. Fixava as vertigens".

ARTHUR RIMBAUD EM "UMA ESTAÇÃO NO INFERNO".

"Se vamos desempenhar o papel de Vulcano, forjaremos deslumbrantes armas novas que romperão todas as cadeias que nos prendem. Vamos deixar de amar a terra de um jeito perverso. Vamos parar de fazer o papel de reincidentes. Vamos parar de nos matar. A terra não é um antro, nem uma prisão. A terra é um paraíso, o único que jamais conheceremos. Temos de entender isso no momento em que abrimos os olhos. Não precisamos fazer dela um paraíso — ela é um paraíso. Só temos de nos capacitar para habitar nele. O homem com uma arma, o homem com o assassinato no coração, não é capaz de reconhecer o paraíso mesmo quando lhe é mostrado".

HENRY MILLER EM "PESADELO REFRIGERADO".

"Mande trazer com que escrever, quando já estiver colocado no lugar mais confortável possível para concentração do seu espírito sobre si mesmo. Ponha-se no estado mais passivo ou receptivo, dos talentos de todos os outros. Pense que a literatura é um dos mais tristes caminhos que levam a tudo. Escreva depressa, sem assunto preconcebido, bastante depressa para não reprimir, e para fugir à tentação de se rater. A primeira frase vem por si, tanto é verdade que a cada segundo há uma frase estranha ao nosso pensamento consciente pedindo para ser exteriorizada. É bastante difícil decidir sobre a frase seguinte: ela participa, sem dúvida, a um só tempo, de nossa atividade consciente e da outra, admitindo-se que o fato de haver escrito a primeira supõe um mínimo de percepção. Isto não lhe importa, aliás; é aí que reside, em maior parte, o interesse do jogo surrealista. A verdade é que a pontuação se opõe, sem dúvida, à continuidade absoluta do vazamento que nos interessa, se bem que ela pareça tão necessária quanto a distribuição dos nós numa corda vibrante. Continue enquanto lhe apraz. Confie no caráter inesgotável do murmúrio".

ANDRÉ BRETON EM "MANIFESTO SURREALISTA".

GAZETA DOPARANA

Editorial Merry Christmas and a Happy Bob Weir*

Certas coisas são só podem ser percebidas os sentidos: a contumelância de tudo o que diz alto diretamente ao núcleo de onde nos percebemos como parte da vida. Sublime é a palavra que se usa em algum momento da história da filosofia para nomear que é excessivo, apavora e encanta ao mesmo tempo porque é significativo. Tanto em trevas quanto em luz. O que arebatamento. Tanto em qualquer linguagem. Não o insignificante, o transbordamento do sentido.

Inadmissível é imaginar a vida de um jornalista sem esse horizonte contraído na boca de seu estomago como búsola, pois esse é o norte de onde provém os acontecimentos. Como poderia alguém informar, convencer, emocionar, enfim, atingir alguma outra pessoa com palavras e imagens sem antes ter sido apanhado pela força de um encontro com o inusitado — o que rompe a indiferença da banalidade. O jornalismo pode ser uma prática de espionagem dentro de certos setores acadêmicos e de mercado. Não se encontra tal coisa em grandes que tudo acontece. Isto significa uma inversão radical com padrões ossificados dentro de certos setores acadêmicos e de mercado. Não se encontra tal coisa em grandes que tudo acontece. Não se encontra tal coisa em grandes que tudo acontece. Não se encontra tal coisa em grandes que tudo acontece.

Cada palavra deve ser necessária segundo sua legitimidade enquanto pulsação proveniente do plexo solar de quem escreve. Só se pode contagiar alguém se já se é portador da emoção que se pode despertar. Essa é uma regra: perceber antes com os próprios sentidos e não segundo as simplificações formulários e receitas prontas. Ao longo desse primeiro ano de Outra Pauta o que se tentou muito foi desautomatizar a postura de todos os participantes da oficina quanto à maneira de se aproximar de uma fonte para buscar a matéria. Esse é o primeiro ano de Outra Pauta o que se tentou muito foi desautomatizar a postura de todos os participantes da oficina quanto à maneira de se aproximar de uma fonte para buscar a matéria. Esse é o primeiro ano de Outra Pauta o que se tentou muito foi desautomatizar a postura de todos os participantes da oficina quanto à maneira de se aproximar de uma fonte para buscar a matéria.

Segunda-feira, 22/12/2008 - Paraná Ed. 36 / Ano I / turma 2





ENTRE TRANCOS E BARRANCOS
UM JOVEM BOM VELHINHO

Ana Paula Detsch (Jornalismo - FAP)

“Será que ele existe? Será lenda? Bem, isso depende de cada um, porque dentro do nosso coração existe a magia, a solidariedade, a caridade, a confraternização, a bondade, a pureza, a paixão... mas diz a história que o bom velhinho foi inspirado na figura de um bispo que de fato existiu.” (Fonte:www.meupapai Noel.com.br)

O bom velhinho inspira muita gente nessa época do ano. No seu saco, ele não carrega só presentes, mas também coisas indispensáveis para qualquer um, como a alegria e a solidariedade. Cheio de mistérios faz muitas crianças felizes, e ajuda aos pais na educação dos filhos, exigindo bom comportamento. E foi inspirado nesse senhor de barbas brancas que o pequeno Juliano, hoje já não mais tão pequeno, distribuía balas nas noites que precediam o natal em Marechal Cândido Rondon.

Mas quem é Juliano? Hoje, com 22 anos, ele é um acadêmico de jornalismo. Morou em Cascavel por algum tempo, viajou para trabalhar nos Estados Unidos na época do natal, vendendo não balas nem brinquedos, mas sorvetes. E como o bom filho ao lar retorna, hoje ele mora com a mãe em Marechal Cândido Rondon. Mas não é o Juliano acadêmico que nos interessa.

Juliano Augusto Bortolon, há cerca de 12 anos, morava com os pais na pequena cidade do interior. Em todos os natais, os pais enfeitavam a casa com muitas luzes, bonecos e todos aqueles badulaques que deixam o natal mágico e encantador. Até que, um certo dia, ele encontrou uma roupa de Papai Noel, que seria colocada em um boneco, para enfeitar o jardim. Então o pequeno Juli (apelido carinhoso pelo qual sua mãe o chamava) teve uma ideia. Seria ele o Papai Noel daquele ano. Pegou a roupa vermelha, que cabia certinho nele, encheu o saco de balas, esperou anoitecer e foi para a frente da casa. Na cidade de Rondon é comum que as famílias saiam de casa à noite para passear e ver as casas enfeitadas, que se tornam atrações e diversão nessa época do ano. E todos que passavam para ver a casa dos Bortolon, ganhavam uma balinha ou um cartão que desejava “Feliz Natal”.

E assim foi durante poucos anos... enquanto a mãe e o pai enfeitavam a casa com as luzes, o Juliano se vestia de Papai Noel para presentear crianças que, às vezes, tinham a mesma idade que ele, mas ainda mantinham acesa a chama mágica e mística que envolve a figura do bom velhinho.

Nessas pequenas aventuras surgiam histórias engraçadas, como uma vez em que um carro atropelou o jovem Noel. Atropelado não, também não vou exagerar, só passou com o pneu traseiro em cima de um dos pés do garoto, mas machucou. Engraçado também eram as crianças que, movidas pelo medo do mau comportamento, sentiam pavor ao ver o pequeno Noel, e corriam ou se escondiam atrás dos pais.

Mas como diria Emília, nem só de alegrias se constrói esse estranho ro-

sário de piscadas que é a vida. O pequeno Noel teve seu momento de infelicidade profunda, quando tinha cerca de 14 anos, seu pai faleceu. Desde então ele nunca mais se vestiu de Papai Noel e a casa que antes ganhava prêmios nos concursos de enfeites de natal, nunca mais ficou tão iluminada.

Todos dizem que gordinhos tem alegria para dar e vender, e foi isso que ajudou o pré-adolescente a superar a falta que a figura paterna fazia, a alegria. Com o tempo a saudade já não incomodava tanto, e chegou a um ponto em que só às vezes era um empecilho. O jovem garoto superou essa perda tão grande apoiado em sua mãe, irmãos e parentes.

Hoje, o pequenino cresceu... está quase terminando a faculdade, e já tem boas experiências. Até para contar a quem quiser ouvir histórias de um velho jovem bom velhinho. ☺



EU FALEI COM ELE
E! O NOEL EXISTE

Juliana Tokarski (Jornalismo - UNIPAR)

Quem foi que disse que o bom velhinho não existe? Existe sim! E nada de pólo norte, ele mora aqui pertinho da gente, aqui na cidade. Sim, sim, em Cascavel. O nosso Noel chama-se Noel L. Portes, 51 anos, profissão: Vendedor autônomo e Papai Noel nos fins de ano no shopping.

Com toda essa era da informação, até o Papai Noel teve que se aprimorar, mudar seus hábitos. Para sobreviver no meio dessa turbulência toda, de bits, átomos, tecnologia dali, tecnologia daqui, ele quando larga o saco de presentes, ou seja todo o restante do ano, trabalha como vendedor autônomo.

- Nos fins de semana eu trabalho visitando pessoas pra vender seguros, né. E durante a semana a gente faz trabalho de telemarketing, ou de porta em porta pra vender seguros também.

Uma pergunta não queria calar no momento da entrevista. Sei que a maioria das pessoas, em algum momento da vida, acreditava no bom velhinho de barba comprida com um saco cheio de presentes... Será que com o senhor Noel foi assim? Tive que perguntar:

- O senhor quando criança acreditava em Papai Noel?
 - Não. Porque naquele tempo a gente não sabia que existia, porque a gente só trabalhava.

Uma pessoa que não acreditava, ou não teve tempo para acreditar, na história do barbuado em uma carruagem puxada por renas, hoje representa o nosso Noel com alegria. Com uma barba e roupas vermelhas. Apenas faltaram as renas. Talvez elas estejam no pólo norte... vai saber.

Sempre imaginei que o Papai Noel, literalmente era um bom velhinho, carinhoso, alegre, disposto a fazer a criança feliz com balas, abraços e o tão esperado “Hohoho... Feliz Natal!”. O senhor Noel que entrevistei é bem esse modelo de Papai Noel que imaginei que existia. Todo feliz, a alegria está mais que exposta em seu rostinho barbuado, os olhinhos quase fechados, os lábios soltam a frase “Feliz Natal... hohoho”.

Todo mundo tem um sonho na vida, seja crescer profissionalmente, fazer aquela viagem à Europa, passar no vestibular, ou ainda, aqueles que sempre têm sonhos que nunca são completamente realizados. Esse é o meu caso: Quando um sonho se torna realidade, outros já estão mais que pré-estabelecidos para serem alcançados. O Noel disse alguns dos seus sonhos e objetivos para 2009.

- Meu maior sonho. Um deles é fazer as crianças felizes, né. E já tô fazendo, graças a Deus, e é claro ter uma vida razoavelmente estável. Entre os objetivos para 2009 estão a reforma da minha casa, a compra de um carro novo e de uma moto.

O senhor Noel disse que desenvolve esse trabalho todos os anos por amor, por gostar das crianças. Esse Papai Noel também tem filhos e netos. É o Papai Noel mais moderno que conheço. É quase um ser como nós.

Para encerrar ele desejava a mim, a você e ao pessoal da Gazeta um Feliz Natal. Então Feliz Natal. E não se esqueça! Seja uma criança (ou gente grande) comportada e obediente, deixe a chaminé sempre limpa porque na próxima quarta-feira, pode ser que você ganhe o presente tão desejado. Pois o Noel, está provado, existe. ☺

VOCÊ AINDA ACREDITA EM PAPAÍ NOEL?

TAL QUAL NICOLAU

Rony Santos (Jornalismo - UNIPAR)

O Papai Noel, conforme conta a história, é baseado na biografia pessoal de São Nicolau Taumaturgo que supostamente ajudava financeiramente pessoas que estavam passando por dificuldades. Essa ajuda era anônima.

A história que todos nós conhecemos hoje é a do velhinho que mora no pólo norte e fabrica brinquedos distribuindo-os às crianças boas e que acreditam nele, com a ajuda de suas renas voadoras na noite de natal.

Os pais no mundo todo contam essa história a seus filhos e os induzem a acreditar no bom velhinho. Algumas crianças americanas chegam a deixar leite e bis-

coitos para alimentar o senhor Noel na jornada.

Com o tempo as próprias crianças não estão mais acreditando no Papai Noel e também não conhecem o sentido religioso do Natal. O que sobra então?

“... em tudo se vê o Noel, e isso faz com que as crianças aguardem seu presente, e obviamente o pai tem que comprar.” comenta o administrador Jodilson Antunes Pereira é “a oportunidade de levantar o balanço anual no finzinho do ano.”

Para a Assistente de Recursos Humanos, Lilian Mota o Papai Noel é algo somente comercial, “eu já acreditei, mas nada incomum aconteceu, eu apenas ganhava balas (riso)”. As crianças não tem mais acreditado em Natal e de acordo com a estudante de enfermagem Denize P. S., “acho que ninguém mais acredita no Papai Noel, pois a imagem dele foi desgastando com o tempo e a situação financeira do nosso povo também não ajuda, mas no fundo todos nos idealizamos uma pessoa que, nem que seja por um dia, possa nos trazer um presente material ou espiritual, mesmo que seja um dia de paz.”

A estudante contou uma história comovente sobre o bom velhinho, “uma vez eu estava doente e minha mãe estava sem dinheiro. Eu sabia que não ia ganhar nada, até porque não acreditava mais em Papai Noel. Fiquei tão doente que fui internada e lá no hospital eu pedi ao Papai Noel que me ajudasse a ficar boa e falei que ficaria bem mais rápido se ele me desse a sandália que queria, uma melissa (risada), quando acordei na manhã seguinte fui virar na cama e a sandália caiu, nossa, quase morri de emoção, achei realmente que ele tinha vindo. A minha mãe disse que eu tinha delirado de febre a noite toda e por isso não o vi. Eu acreditei e, em menos de uma hora, tive alta.”

Denize terminou com uma frase sensacional: “coisa de

CONTO: GUIRALANDA E CONFUSÃO

O ASSASSINO DO PAPAÍ NOEL

Rony Santos (Jornalismo - UNIPAR)

PRELÚDIO

A respiração está ofegante, o sangue escorre pelas mãos e rosto. As crianças e adultos presentes na sala olham melancólicos, sem querer acreditar no que estão vendo. Nas crianças é visto um olhar de desespero e tristeza. Nos adultos de preocupação e confusão. A verdade começa a vir à tona pela voz de uma criança. Os olhos embaçados começam a enxergar claramente. O sentimento de dor e angústia corroe todo o corpo do homem! Uma vontade de gritar, martela, silenciosamente, em sua mente:

- Meu Deus, eu acabei de matar Papai Noel!...

... 04 horas antes ...

Alexandre simplesmente não acredita que no dia 24 de dezembro ele tenha que trabalhar! Todos nos escritórios ao redor estão fazendo uma festinha em comemoração ao final do ano. Menos o escritório onde ele trabalha....

- Não podemos deixar os nossos clientes na mão, a qualquer minuto eles podem precisar de nós. - disse o nosso gerente geral Isis Astome.

Quem em sã consciência vai precisar de uma loja de materiais de construção em pleno natal? - pensa Alexandre. A ralva só não é maior porque é quarta-feira e último dia de trabalho.

- Bom natal a todos e espero vocês na reunião do dia 26 às 9 horas, não se atrasem - berra o Sr. Astome. Ódio é a palavra para definir o que se passa no coração de Xandão, como é conhecido. ÓÓÓÓDIO. Respira... Inspira... Respira... Inspira... Ussa... Ussa... Desestressa....

Leu em um caderno sobre descanso em um jornal de segunda que isso ajuda. Resolveu pôr em prática antes de voar no pescoço de alguém. Ufa! - pensa ele - já estou bem melhor.

Alexandre da Silva, homem comum, trabalhador, corpulento, 1,75m de altura, compulsivo ao extremo com doces e guloseimas, simpático com todos. Tem somente um defeito. Odeia o natal! Não por seu significado religioso e de paz e amor, nada disso, mas pelo viés comercial que a data carrega atualmente.

Para ele esta deveria ser uma época feliz. Pessoas ajudando pessoas, todos com a família e não aquele estresse fruto da volta do trabalho às sete horas da noite com um engarrafamento “dos diabos” como costuma descrever.

Andou umas cinco quadras, dos 15 quilômetros que tem até o destino e sente um calor gigantesco. Por cima do capô do carro uma fumaça escura começa a subir e sem enxergar nada ele é obrigado a parar o seu automóvel em um lugar qualquer. O espaço sempre fez parte do trajeto de casa ao trabalho, mas ele nunca havia notado.

Após verificar o motor, chutar o pneu do carro, vociferar palavras impúblicáveis e ter quase um ataque de nervos (leia-se quase como chorar no volante, pedir pela mãe e logo depois limpar as lágrimas e gritar sozinho

dentro do carro: “Sou macho e não posso ficar choramingando”), lembra que combinou com a família e os vizinhos que se vestiria de Papai Noel aquela noite e precisa estar de bom humor. Liga para o serviço de táxi e cinqüenta minutos depois e mais quatro quase ataques ele é deixado em frente a sua casa trinta reais mais pobre, o táxi em véspera de natal é bandeira dois.

Ao entrar em casa encontra a família unida na sala, mas seu caminho é interrompido pela esposa que, não tão amistosa assim, já vem querendo satisfações de onde estava e o que estava aprontando. Mais calmo querendo manter o espírito do Noel ele explica como tudo ocorreu. A mulher o entende, abraça e dá um tapinha em sua nádega mandando-o subir tomar um banho para se vestir de bom velhinho, pois as crianças da vizinhança já estão chegando....

Já no banho, cantarolando, Alexandre se dá conta, ao olhar seu espelho, que a cada ano ele está mais parecido com o senhor que faz os comerciais da Coca-Cola no final do ano, vestido de vermelho, e imagina que se continuar nesse ritmo em um dois anos poderá largar o “emprego” de natal para trabalhar no carnaval de Rei Momo. Ao sair do banheiro e jantar assistindo televisão no quarto, pois as crianças não podem vê-lo antes, faz uma daquelas promessas de fim-de-ano que vai emagrecer e para isso será capaz de tudo. Ou melhor, quase tudo “menos se abdicar da cervejada com sinuca de quarta-feira”, pensa ele.

... 23h38 ...

O que se segue depois desse horário seria um relato cômico, se não fosse tão triste.

Xandão liga o ferro de passar e o deixa “esquentando” em cima da cama para passar a roupa do velho gordo enquanto vai tirar a barba rala para que a barba postiça possa grudar melhor em seu rosto. No momento em que vê no espelho a cama pegando fogo ao fundo se assusta e desconcentrado faz um profundo corte no rosto ao puxar rapidamente a lâmina, ao mesmo tempo em que xinga aleatoriamente a mãe de todos da Terra.

Com o rosto sangrando e sem experiência em assuntos domésticos corre com o baldinho de areia de seu filho, que estava no banheiro sabe Deus o motivo, cheio de água e joga a mesma na cama. Por uma fração de segundos lembra que se esqueceu de desligar o ferro e amaldiçoa mentalmente aquele dia enquanto toma um pequeno choque elétrico, talvez o maior de sua vida.

... 23h48 ...

A família e os vizinhos se aglomeram em frente à porta do quarto. Todos preocupados com o grito desesperador que ouviram minutos antes e cheiro de queimado. Como a resposta aos apelos é nula decidem arrombar a porta e, ao entrarem todos no quarto, encontram Alexandre de cuécas caído ao lado de uma roupa de Papai Noel queimada, sangue por todo lado, uma barba pendurada no ventilador de teto que com o curto funciona bem devagarzinho, quase parando.

Um dos filhos, ao olhar o pai daquele jeito en-

criança, mas foi real”.

Natal, feliz Natal... ah desculpe, enquanto ouvia a história o comovento espírito de natal me envolveu e eu acabei cantorolando.

Não importa em que você acredite.

Natal é uma época de paz, sinceridade e principalmente amor. Não deixe que o comércio engane você. O São Nicolau ganhou o status de Papai Noel por ajudar as pessoas, e não as vendas. Esse é o verdadeiro espírito de Natal.

Feliz Natal pro Outra Pauta e pra você leitor. ☺

che os olhos de lágrimas, corre até o ele, ficando frente a frente com seu progenitor. Olha bem fundo nos olhos de Xandão, que está com a cabeça meio baixa, envergonhado com a situação e diz: Meu Deus pai! Você matou o Papai Noel!

A respiração está ofegante, o sangue escorre pelas minhas mãos e rosto. As crianças e adultos presentes na sala olham melancólicos, sem querer acreditar no que estão vendo. Nas crianças é visto um olhar de desespero e tristeza. Nos adultos de preocupação e confusão. A verdade começa a vir à tona pela voz de uma criança. Os olhos embaçados começam a enxergar claramente. O sentimento de dor e angústia corroe todo o corpo do homem! Uma vontade de gritar, martela, silenciosamente, em sua mente:

- Meu Deus, eu acabei de matar Papai Noel!...

As crianças saem correndo, chorando e cantando pro bairro todo que Sr. Alexandre matou o Papai Noel!... Agora era oficial, o bairro todo sabia... O Noel estava morto e não voltaria nos próximos natais!

... Epílogo: Três dias depois ...

Ao findar da missa de domingo, ele levanta do banco para ir embora, amparado pela esposa, apoiado pelos amigos e, claro, odiado pelas crianças, Alexandre se detém por um momento em frente a uma imagem de Jesus crucificado e se vira pra sair...olha novamente...pisca para a imagem e diz em voz baixa:

- Não se preocupe, logo pego o coelho da páscoa também... ☺

